Valor ECONÔMICO
Publicado em 27/08/2024 - 05:58

Receita de empresas abertas cresce, mas dólar e juro alto reduzem lucro

Balanços Desvalorização do real, que ajudou exportações, pesou na linha financeira e derrubou lucro

Desempenho das empresas supera expectativa no 2º tri puxado por consumo interno e câmbio

Felipe Laurence
São Paulo

As empresas brasileiras de capital aberto mostraram bons resultados no segundo trimestre, superando a expectativa de analistas para o período entre abril e junho, apoiadas em um cenário de melhor consumo interno e de maior receita de exportação com a desvalorização do real.

A variação cambial no período, com um forte impacto sobre a linha financeira — as dívidas em dólares são corrigidas pela cotação no fim do trimestre —, tirou o brilho da última linha do balanço. Esse aspecto, no entanto, costuma ser minimizado pelos executivos e analistas por não ter efeito imediato no caixa.

Levantamento do **Valor Data** com 309 empresas de capital aberto não financeiras, excluindo Petrobras e Vale, mostra que o lucro líquido caiu 42,7% no segundo trimestre, para R$ 22,2 bilhões. Já as receitas voltaram a mostrar uma vitalidade há tempos perdida, com avanço de 10,5%, para R$ 925,5 bilhões. Com isso, o lucro operacional pôde crescer 21,6%.

É importante considerar na análise desses números que a base de comparação, o segundo trimestre de 2023, foi historicamente fraco. Naquele ano, a receita das empresas caiu 1,5% e o lucro operacional, 15%, diante do mesmo período de 2022.

"Nossa avaliação é que foi uma temporada muito boa, houve inflexão nos fundamentos em vários setores, tanto domésticos quanto externo", afirma Fernando Ferreira, estrategista-chefe da XP. Ele nota que quase 50% das empresas sob cobertura da corretora superaram as estimativas de lucro.

Ferreira ressalta que quem olhar somente o lucro líquido não perceberá uma melhoria tão grande, por conta dos grandes prejuízos que algumas empresas tiveram por causa da variação cambial e da manutenção dos juros elevados. "Retirando esses fatores, as empresas mostraram desempenho robusto."

Os dados da pesquisa do **Valor Data** mostram bem o tamanho do estrago, que esconde o ganho do lado operacional. As despesas financeiras dobraram em um ano, para R$ 80,8 bilhões, enquanto a margem bruta — uma medida que mostra a relação entre receita e custos de produção — teve alta de 1,2 ponto percentual, para 25,5%.

As empresas que lidam diretamente com o dólar acabam sentindo esses efeitos da variação cambial por causa da dívida ser atrelada à divisa americana. "É um efeito não caixa que vai se recuperando nas receitas", afirma Carlos Eduardo Sequeira, diretor de pesquisa e sócio do BTG Pactual.

O banco brasileiro também gostou de forma geral dos números. "Houve evolução por qualquer métrica comparativa que olhamos, tanto em termos qualitativos quanto quantitativos", diz Sequeira. As empresas que atuam no setor doméstico se destacaram com a melhora na atividade econômica do Brasil.

Resultado das cias. abertas no 2º tri *
Dados em R$ bilhões

	2º tri/23	2º tri/24	Variação %
Receita líquida	837,3	925,5	10,5
Custo de produtos/serviços	-633,2	-689,1	8,8
Lucro bruto	204,0	236,4	15,9
Despesas/receitas operacionais	-112,6	-125,2	11,2
Lucro operacional (Ebit)	91,5	111,2	21,6
Despesas financeiras líquidas	-40,3	-80,8	100,7
Lucro líquido	38,7	22,2	-42,7
Custos e margens	**2º tri/23**	**2º tri/24**	**Variação p.p.**
Custos (em % da receita líquida)	75,6	74,5	-1,2
Margem bruta (em % da receita líquida)	24,4	25,5	1,2
Margem Ebit (em % da receita líquida)	10,9	12,0	1,1
Margem líquida (em % da receita líquida)	4,6	2,4	-2,2

Fontes: CVM e Valor PRO. Elaboração: Valor Data. * Dados somados de 309 empresas não financeiras com receita líquida superior a R$ 100 milhões no segundo trimestre de 2024 (exclui Petrobras, Vale e Oi)

Levantamento do Itaú BBA, que comparou os resultados das empresas sob sua cobertura com as expectativas dos analistas, mostrou que mais de 60% das empresas domésticas mostraram tendência de expansão em receitas, Ebitda e lucro. Setores como bens de capital, varejo e telecomunicações foram os mais favorecidos.

> "Houve evolução por qualquer métrica comparativa que olhamos"
> *Carlos E. Sequeira*

Já o Santander esperava mais, pelo menos do lucro líquido. A piora no mercado de aço e um setor de petróleo e gás menos pujante acabaram deixando os resultados abaixo das expectativas do banco. "Esperávamos uma alta de quase 17% no lucro consolidado da temporada e tivemos queda de 4% por conta das exportadoras", diz Alice Corrêa, estrategista de ações do banco.

Ela afirma que o lucro das empresas de commodities caiu 39,5%, enquanto o das companhias que atuam no setor doméstico subiu 23%. No entanto, em termos de receitas e Ebitda, os dois setores tiveram desempenho positivo.

Segundo a XP, setores domésticos que já vinham com bom desempenho no ano mantiveram a tendência, como é o caso dos serviços públicos. A diferença no segundo trimestre foi que outros setores que estavam com números mais fracos, varejo e saúde entre eles, tiveram forte virada.

"O setor de commodities teve um dólar a favor, em especial no fim do trimestre, mas a queda de preços de alguns produtos tirou parte da vantagem", afirma o estrategista-chefe da XP. Ele pondera que o bom desempenho de receita acabou não se traduzindo em Ebitda e lucro.

Considerando os números de Petrobras e Vale, que são retirados para não distorcer o resultado geral do levantamento do **Valor Pro**, o lucro das empresas brasileiras caiu 31,1% no ano, a R$ 49,4 bilhões, enquanto as receitas avançaram 10% entre abril e junho, a R$ 1,1 trilhão.

Olhando para o trimestre atual, os analistas acreditam que os números vão continuar em tendência positiva. "Mesmo se a Selic subir na reunião de setembro, o juro médio das empresas ainda vai cair na comparação anual, favorecendo as despesas financeiras", comenta Sequeira, do BTG.

"Só devemos ter uma tendência de reversão nos resultados a partir do ano que vem, quando a base de comparação dos números fica mais forte, mas, mesmo assim, a atividade econômica não deve parar no Brasil e as exportadoras de commodities se beneficiarão do dólar", diz o diretor de pequisa.

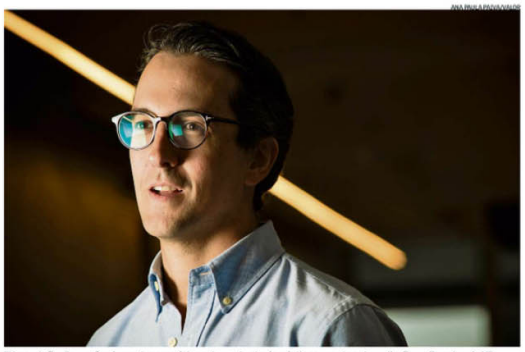
Para Ferreira, da XP, várias empresas já lidam com o aumento da inflação como risco real, o que, junto com a alta nos juros, pode afetar investimentos e crescimento. No entanto, ele vê que, para o ano, deve acontecer revisão positiva nas estimativas de lucro e receitas das companhias.

"O Santander faz uma análise do que é falado durante as teleconferências e vemos que recuperação teve um aumento nas menções, o que pode indicar tendência positiva, porém inflação também subiu, mostrando que o cenário pode ficar mais apertado", comenta Alice Corrêa.

Com ajuda de inteligência artificial, o Itaú BBA também fez análise do sentimento das empresas durante teleconferências. Em uma escala de 0 a 10, o sentimento se manteve positivo, em uma média de 7,4, contra 7,46 no primeiro trimestre. Mineração e siderurgia viram uma melhoria no sentimento, enquanto educação teve piora.

309
empresas de capital aberto foram avaliadas

ANA PAULA PAIVA/VALOR



"Houve inflexão nos fundamentos em vários setores, tanto domésticos quanto externo", afirma Ferreira, da XP

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Empresas **Caderno:** b **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2025.